



Pesquisa revela impacto emocional do diabetes

Dúvidas, medos e ansiedade são o lado oculto da doença, que pacientes têm dificuldade de trazer à tona

São Paulo, 25 de setembro de 2018 - O diagnóstico do diabetes, como o de toda doença crônica, traz em si a perspectiva de mudanças na rotina e no estilo de vida. Ao receber a notícia no consultório, várias dúvidas passam pela cabeça do paciente, que teme os limites impostos pela doença e também as consequências para a saúde em longo prazo. São mais de 13 milhões de pessoas no país convivendo com a doença¹ e enfrentando uma jornada que não é nada fácil.

Pesquisa inédita no Brasil realizada pela Minds4 Health, a pedido da Sanofi, procurou entender o comportamento das pessoas com diabetes tipo 2. Uma das conclusões é que entrar em estado de negação só atrapalha o controle da doença. Embora 80% acreditem que estão controlando corretamente o diabetes, 1/4 dos entrevistados admitiram não seguir a dieta recomendada, por não abrirem mão dos prazeres da mesa. Há uma alternância entre regras mais rígidas de segunda a sexta-feira e compensações ou escapadas nos finais de semana.

Além disso, 1/3 não faz exercícios físicos e 13% não vai ao médico regularmente. A principal justificativa para não fazer acompanhamento é acreditar que, por já estar tomando medicamentos orais ou insulina, não precisa mais voltar ao médico (17%).

A endocrinologista Denise Reis Franco, diretora coordenadora do Departamento de Educação da Associação Diabetes Brasil (ADJ) e educadora em diabetes pela International Diabetes Federation (IDF), confirma ver esse comportamento diariamente no consultório. “A maioria das pessoas ainda acredita que cortar o açúcar e moderar na alimentação é o suficiente. Essa atitude de autocura é uma característica cultural brasileira, assim como a postura de dizer sempre que está tudo bem, quando na verdade não está”, afirma a médica. Fugir da consulta é uma armadilha, já que segundo a pesquisa, os pacientes com maior controle da doença são aqueles que fazem o acompanhamento médico mais frequente.

Falando em controle, embora 80% dos entrevistados relatem fazer o controle da doença corretamente, 1/4 desse total não segue a dieta recomendada, 1/3 não faz os exercícios físicos e 13% não vai ao médico regularmente.

De cada 10 pacientes, três disseram que não conseguem seguir o tratamento à risca. A principal barreira está na dieta restritiva (60,8%), atrelada ao preço dos alimentos (21,7%). O custo dos medicamentos vem em terceiro lugar (5,7%) quase empatado com a dificuldade de controlar a ansiedade (5,6%). Todas essas preocupações se unem ao medo de a doença impactar os outros membros da família, seja por mudanças na rotina, pelos gastos decorrentes ou pelo medo das consequências da doença.



Os entrevistados afirmam ainda que a doença afeta a autoimagem, já que passam a ser vistos como alguém não saudável, o que se torna fonte de angústia. Entre os pacientes que não conseguem controlar a doença, 17,6% afirmam que o estresse e o nervosismo atrapalham a disciplina. Para 12,8% melhorar o estado emocional ajudaria a ter maior controle.

Medo de agulha não assusta mais

Os pacientes sabem que, apesar de existirem medicamentos orais, o tratamento do diabetes pode se beneficiar das opções injetáveis. Para ter a doença sob controle e evitar os riscos associados à falta dele, 63% usariam um tratamento injetável e 56% prefeririam essa opção a ter que se submeter a uma cirurgia. O grande anseio dos pacientes é a cura, mas 74% se dizem satisfeitos com o tratamento. Entre os insatisfeitos, a dificuldade de seguir a dieta é a principal queixa, citada por 35%.

Os principais temores se referem aos riscos relacionados ao diabetes, já que sete em cada 10 conhecem as consequências da falta de controle da doença. Os problemas de visão, como a cegueira, são os mais preocupantes (42%).

Denise lembra que é fundamental conscientizar as pessoas de que o controle correto do diabetes tipo 2 depende do acompanhamento médico constante, do uso correto dos medicamentos, de uma dieta saudável e da prática de exercícios físicos. “Seguindo tudo isso, as pessoas com diabetes terão muito mais qualidade de vida e diminuirão o impacto da doença em longo prazo”, conclui.

Sobre a pesquisa

Foram ouvidos 500 homens e mulheres portadores de diabetes tipo 2, com mais de 40 anos de idade, atendidos pelo sistema público ou pela rede suplementar de saúde, com média de 6 anos de diagnóstico. A metodologia envolveu uma fase exploratória qualitativa e outra quantitativa, realizadas entre julho e agosto de 2018, nas principais capitais brasileiras.

Sobre a Sanofi

A Sanofi se dedica a apoiar as pessoas ao longo de seus desafios de saúde. Somos uma companhia biofarmacêutica global com foco em saúde humana. Prevenimos doenças por meio de nossas vacinas e proporcionamos tratamentos inovadores para combater dor e aliviar sofrimento. Nós estamos ao lado dos poucos que convivem com doenças raras e dos milhões que lidam com doenças crônicas.

Com mais de 100 mil pessoas em 100 países, a Sanofi está transformando inovação científica em soluções de cuidados com a saúde em todo o mundo.

Sanofi, Empowering Life, uma aliada na jornada de saúde das pessoas.



Referências

1. Sociedade Brasileira de Diabetes. O que é diabetes. [acesso em 2018 Ago. 14]. Disponível em: <https://www.diabetes.org.br/publico/diabetes/oque-e-diabetes>

Para mais informações:

Assessoria de Imprensa Sanofi

Imagem Corporativa

Nathália Rodrigues - (11) 3526-4571 / 95770-6543

nathalia.rodrigues3@imagemcorporativa.com.br